

A proximidade do real*

Clément Rosset

Uma tese corrente tende a distinguir o medo de todo pavor ocasionado por um objeto bem preciso e bem real. O medo seria assim uma forma particular de temor consistindo em uma apreensão insólita em relação não ao real mas ao irreal: temor do sobrenatural, das sombras, dos fantasmas, em suma, do que não existe. Não necessariamente do que nunca existiu ou do que não tem nenhuma chance de existir. O medo pode ser provocado pelo que existiu ou pelo que existirá; mas isso então somente à medida que o objeto temível está ausente provisoriamente, só goza de uma realidade defunta ou ainda a vir, que ele pode ser experimentado como temível. Maupassant, cuja obra testemunha de um íntimo e obsessivo conhecimento do medo, insiste em diversas ocasiões sobre essa diferença entre o medo e todas as formas pavor ocasionadas por um objeto real e determinado; por exemplo, em um conto intitulado precisamente *O medo*: “O medo, é outra coisa. [...] O medo, não é isso. [...] O medo (e os homens mais audazes podem ter medo) é algo apavorante, uma sensação atroz, como uma decomposição da alma, um espasmo horrível do pensamento e do coração, cuja simples lembrança gera frissons de angústia. Mas isso não acontece, quando se é valente, nem diante de um ataque, nem diante da morte inevitável, nem diante de todas as formas conhecidas do perigo: isso acontece em certas circunstâncias anormais, sob certas influências misteriosas face a riscos vagos.”

Uma tal distinção – que isola o medo de todo sentimento de pavor diante de um perigo preciso – é sem dúvida sugestivo e aparentemente convincente. Um exame crítico revela no entanto rapidamente sua fragilidade. A afastar demasiadamente o medo de tudo realmente temível, acaba-se por lhe retirar toda substância ou todo vigor. É fácil mostrar que deve haver sempre algo de bem real no horizonte para que se produza o fenômeno do medo: assim como não há vertigem que não esteja misturada a algum temor de morrer caindo, ou, talvez, de tontura no mar que seja inteiramente isenta do medo de naufragar. Tendo já tratado desse assunto alhures, me contentarei aqui de

* Publicado em *Encyclopédie Philosophique Universelle*, Paris: PUF, 1990, p.35-41. Tradução de André Martins (UFRJ).

resumir minha argumentação sobre este ponto: é bem verdade, como o diz basicamente Maupassant, que o medo está ligado ao sentimento do insólito; mas acontece que a realidade é ela mesma sempre insólita, e mesmo o que há de insólito por excelência; todo medo é portanto, em última análise, um medo do real.

É no entanto verdade que o medo não se reduz ao temor de uma realidade tão logo esta está sob nossos olhos, clara e precisamente representada. É bem, sempre – em última análise –, o real que dá medo; mas não logo que ele é diretamente percebido, mas sim quando ele imerso no vago da imaginação que antecipa a percepção. É evidente que o medo tem sempre laços com a imaginação, da qual ele é mesmo um dos mais remarcáveis efeitos enganadores. O simples fato de o medo ser primeiramente vinculado ao irreal demonstra que a imaginação de um mal é maior em termos de potência de pavor do que a provação direta do mesmo mal (assim como a imaginação de uma felicidade a vir contém por vezes o melhor daquilo que nunca será provado). Gobineau evoca com humor e precisão, na última de suas *Notícias asiáticas*, este caráter essencialmente imaginativo do medo: “ela estava prestes a ter uma reação que se produz bastante ordinariamente na Ásia, nas pessoas pouco temperadas ou destemperadas. Vê-se estas, tomadas subitamente, e sem outra causa senão um trabalho interior de sua consciência, por pânico que se acumulam, exageram e exasperam, chegar à verdadeira loucura. Um tal, e os exemplos disso são conhecidos, decide simplesmente fugir e partir para a Europa passando por perigos muito reais, para escapar aos perigos mais imaginários. Um outro se acredita na iminência de um assassinato. Se ele está sentado no seu quarto, cuja porta está fechada, e que ele ouve passos no corredor, é um muçulmano fanático que está lá, colado à parede, deslizando para entrar, seu punhal já está em suas mãos... ele vai bater à porta! A vítima sente seus membros se cobrirem de um suor frio... No entanto ele se acalma... É apenas seu empregado que lhe traz o chá e o deixa sobre a mesa. Mas o doente achou seus ares singulares. Este homem prepara um ataque. Ele não ousou fazê-lo pois viu que estávamos em nossa guarda. Agora ele voltará. Ele vai atirar com suas duas pistolas pela janela.”

O medo é menos uma angústia provocada pelo que existe, angústia à qual o próprio acontecimento poderá se encarregar de remediar, do que uma inquietude inevitavelmente não apaziguável em relação ao que não existe. Por isso o medo é uma vertigem, um medo do vazio, no sentido mais estrito do termo ‘vazio’, uma paradoxal

preocupação com nada. Mal estar comparável ao do filósofo solidamente suspenso no vazio, para retomar um dos exemplos pelos quais Pascal ilustra este poder da imaginação de suscitar uma inquietude sem objeto, um medo do nada. Vertigem semelhante pode paralisar os gestos de um campeão quando a vitória se aproxima: medo de ganhar que sobrevém quando todos os obstáculos foram eliminados e que justamente não há nada mais a temer.

Tudo isso não explica, naturalmente, por que a imaginação, cujos efeitos bem variados não têm frequentemente nada de assustador, é também capaz de engendrar o medo. Pois o fato de a imaginação ser atenta ao irreal não constitui em si um motivo suficiente de pavor. Parece, no entanto, que há na imaginação um elemento virtualmente terrificante, mesmo se este não provoca necessariamente, nem frequentemente, o fenômeno do medo. Resta determinar qual é.

Este elemento é a incerteza. Sabe-se a importância do sentimento de incerteza, de dúvida quanto à natureza daquilo com o quê lidamos, no desencadeamento do medo. O objeto terrificante é sempre um ‘algo’ ou um ‘alguém’ aos quais vem a faltar repentinamente, por uma razão qualquer, uma identidade assinalável e segura. É por isso que qualquer objeto pode ser tornar terrificante: basta para isso perturbar por um instante a certeza com a qual tomamos geralmente como seguro que um pote é um pote e um gato é um gato. “Tenho medo das paredes, dos móveis, dos objetos familiares”, escreve Maupassant em *Ele?*. “O que é” e “Quem é” são as duas grandes questões do medo. A simples formulação dessas questões implica um tremor do real anunciando todos os fantasmas do duplo, todos os sintomas da dissociação características da esquizofrenia: ou seja, desta ‘decomposição’ da alma pela qual Maupassant define justamente o medo. Mas essa incerteza do medo – incerteza quanto a si e quanto a todas as coisas – é no fundo a de toda imaginação, e particularmente da mais ordinária imaginação do real, aquela que antecipa sem cessar a realidade à medida em que ela se realiza, se torna presente. A natureza do acontecimento futuro, do que pode-se chamar a realidade iminente, não é menos duvidosa do que aquela do objeto terrificante. Há na substância do real algo que nenhuma antecipação saberia jamais perfeitamente conhecer, que faz com que o real ultrapasse necessariamente toda previsão e decepcione toda imaginação.

Esta imprevisibilidade constitutiva do real explica em profundidade a relação entre a experiência do medo e a experiência da realidade: ela é a lei geral da qual o medo constitui apenas uma aplicação particular. Que a prova do real deva sempre surpreender a expectativa que se possa ter, é o que se verifica de maneira decisiva no fato, muito marcante, de que a surpresa suporta o rigor de ser *anunciada* sem que o efeito de surpresa se perca por isso. Anuncia-se para alguém que se virá surpreendê-lo nesta noite: a porta se abrirá bruscamente e tal amigo surgirá no cômodo com o rosto coberto com uma certa máscara. Sabe-se que o medo será grosso modo o mesmo, com ou sem pré-aviso; e a apreensão que precede o cumprimento do fato, quando houve pré-aviso, mostra bem o pouco caso que então se faz, em seu foro interior, da faculdade de antecipar o futuro. Definitivamente, todos os avisos são aqui inoperantes e nunca aconteceu a alguém de ser verdadeiramente advertido antecipadamente do que quer que seja.

Do fato de que a provação do medo se confunde com a apreensão do real – do que há nele de constitucionalmente imprevisível e por conseguinte desconhecido – segue-se que o medo intervém de preferência sempre que o real está muito *próximo*: no intervalo que separa a segurança do longínquo daquela da experiência imediata. Quando se está muito longe, nada há ainda a temer, o acontecimento futuro estando demasiado distante para ser sentido como amedrontador, seja ele qual for. Quando se chega, nada há mais a temer, o acontecimento temido tendo já acontecido. O medo somente tem razão de ser um pouco antes de acontecer: quando o real não está nem distante nem presente, mas muito próximo. O mesmo ocorre com os aviões de linha que não correm risco algum quando estão voando ou no solo, quando já estão longe da terra ou já estão na terra, mas passam por uma curta fase crítica no momento da decolagem ou da aterrissagem, quando estão na proximidade imediata da terra.

O que há então de tão temeroso na dimensão do ‘bem perto’ que possamos aí distinguir, de maneira geral, a dimensão própria do medo? Nada seguramente, exceto o simples fato da proximidade que, por não ser inteiramente longe nem inteiramente aqui, basta para engendrar a incerteza: expressão geográfica da ambigüidade ontológica na qual jaz todo medo. Todo objeto terrificante é um objeto ambíguo, do qual se duvida se ele é isso ou aquilo, o mesmo ou um outro; mas também – pois dá no mesmo – se ele está aqui ou lá, presente ou ausente: ora, é este o caso de todo objeto próximo. Objeto

que pode no limite não ser nada além de si mesmo, como ocorre na duplicação de personalidade. Mergulhando no medo e na loucura, Maupassant torna-se um estrangeiro de si mesmo por se perceber não como uma espécie de inteiramente outro, mas como uma espécie de alguém bem próximo de si, deste duplo instalado em seus lugar e endereço que ele descreveu em *Ele?* e *O Horla*.

Mas é toda proximidade que é inquietante, não somente aquela de si para consigo, que se configura apenas como um caso extremo de proximidade. Como a proximidade de uma mulher amada, que vem por vezes perturbar o curso do itinerário amoroso. Não há para o amante nenhum risco de inibição sexual nem quando sua amante está longe, nem quando ela está junto a ele, mas somente quando ela está próxima e que chega o momento de passar ao ato: momento sempre aleatório, pois que exposto ao medo, como o disse tão bem Montaigne que consagra a este risco de debandada o essencial de seu célebre capítulo sobre ‘a força da imaginação’ (*Ensaio*, I, 21). Outros falariam justamente aqui de recuo diante do real ou de minuto da verdade: os quais ocorrem, novamente, não quando a coisa está lá mas alguns segundos antes de acontecer. E a inquietude é a mesma em todos os casos de terror clássico. O assassino que espia na sombra só é perigoso se ele está longe ou diante de si; mas ele é, por outro lado, terrificante se ele está bem próximo de si sem que se possa percebê-lo em sua proximidade. O cinema de terror explora frequentemente, por vezes de maneira feliz, esse funcionamento do medo fundado menos sobre a atrocidade de um perigo do que sobre sua proximidade, sua iminência. Como em um filme recente, dito de série B: uma jovem *baby-sitter* cuida das crianças durante a noite, em uma casa da periferia próxima, enquanto os pais jantam na cidade. Enquanto as crianças dormem no primeiro andar, a jovem que permaneceu na sala recebe uma série de telefonemas inquietantes: um homem com a voz branda lhe repete que ele está bem perto dela e que está disposto a matar todos os habitantes da casa. Ela avisa a polícia, que inicialmente hesita mas acaba por operar um controle telefônico de rotina. Sobrevém então um último e terrificante chamado telefônico, que emana desta vez não do matador mas da polícia: “não saia do lugar, nós chegaremos imediatamente, identificamos a linha: *estas ligações vêm de sua casa*.” Favorecido por uma linha dupla, o assassino se encontra não estar nem nos arredores da casa, nem no próprio cômodo, mas em algum lugar da casa. Eis o que

ilustra o medo e seu objeto: uma reação de pânico a algo que não está nem distante nem aqui, mas se situa em uma determinada proximidade.

E é o caso de toda realidade, de ser potencialmente terrificante enquanto é próxima no tempo e no espaço, sem ser ainda presente nem visível. Pode-se, decerto, estar mais ou menos seguro do que vai acontecer, se apoiar sobre as mais sensatas previsões para antecipar razoavelmente o que virá; será preciso no entanto sempre aguardar a prova do real em pessoa, aqui e agora, para tirar qualquer última e secreta dúvida, aguardar sua apreensão em carne e osso para dissipar as apreensões da imaginação.

Um campeão de bridge, o quão seguro estiver de seus cálculos, somente respira absolutamente à vontade quando seus adversários reconhecem sua derrota e mostram suas cartas. Ninguém está nunca inteiramente assegurado, nem por conseguinte seguro, do futuro. Pois uma voz sopra no ouvido do racionalista mais endurecido que a razão é essencialmente visionária, para retomar uma palavra de Marivaux em *Marianne*: que o real é imprevisível por natureza e que não há nada em sua cabeça que se possa responder exceto o que surge no próprio instante e sob seus olhos. É por isso que o medo é sempre um medo do último momento, do instante em que o real vai dar seu veredicto. Medo da realidade não enquanto ela é real, mas enquanto ela ameaça de se tornar real.

Não é o real, mas antes sua proximidade que engendra o medo: sua vizinhança, sua ‘aproximação’. O lugar do medo é uma curta passagem perigosa situada nos campos imediatos da realidade, um último pequeno limiar que lhe falta ultrapassar antes de tocar no real: e o tempo do medo é o lapso de tempo que separa o real de sua realização, se posso me aventurar nessa formulação um pouco sibilina. Wagner expressa admiravelmente esse fenômeno de proximidade em uma passagem do primeiro ato de *Siegfried*. Mime anuncia a Siegfried que há um lugar apavorante onde ele poderá aprender o medo: Neidhöle, um antro protegido por um dragão terrível. “Onde fica Neidhöle, é longe daqui?”, pergunta Siegfried a Mime que responde então: “De Niehöle, o mundo é bem perto.” Interpretarei, de minha parte, esta proximidade do medo em toda parte e sempre ameaçadora: se o mundo está sempre perto do medo, é porque o medo sobrevém justamente quando o mundo está bem perto.

Que a fonte do medo deva ser buscada do lado da imprevisibilidade do real, isso explica também outro fenômeno: o fato bem conhecido que no medo é sempre mais ou menos de si mesmo que temos medo, como Bucephale, o cavalo intrépido que só treme diante de sua própria sombra. È assim que o medo se nutre de si mesmo, que não precisa para subsistir de nenhum auxílio exterior, um pouco como o ciúme, o qual Shakespeare diz, em *Othelo*, ser “o monstro de olhos verdes que destila o veneno do qual ele se nutre”. Maupassant escreve, em *Ele?*: “Tenho medo de mim! Tenho medo do medo.” A aproximação destas duas confissões é marcante e sugere por si mesma a solução do problema posto por esta auto-alimentação do medo. Ter medo de si, é ter medo do medo: isto é, de seu próprio medo, do pavor do qual sabe-se ou presente-se capaz. E este pavor se dá ele mesmo na proporção do que há para sempre de desconhecido e imprevisível em toda realidade.

Observarei terminando que a angústia da morte pode ser considerada, também ela, como uma experiência do medo, como um temor do real enquanto este é pouco ou mal previsível. É este um dos sentidos principais do célebre monólogo de Hamlet, anunciar – e anunciar a si mesmo – que ele renuncia ao suicídio por medo, em razão do caráter misterioso, insuficientemente seguro, do destino do homem após a morte. Encontra-se aqui ainda, nesse recuo diante da morte, um traço desta inquietude provocada pela inaptidão do homem a antecipar perfeitamente o futuro – inquietude que está na origem de todo medo. Hamlet bem o diz: quem portanto aceitaria viver, se pergunta, se não houvesse “este temor de algo após a morte, misterioso lugar de onde nenhum viajante retorna? Eis o enigma que nos engaja a suportar os males presentes, ao invés de escaparmos para estes outros dos quais nada conhecemos. E é assim que a consciência faz de cada um de nós um covarde.”